

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.008



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ACONSELHAMENTO PASTORAL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SUA RELEVÂNCIA NO ÂMBITO EVANGÉLICO ATUAL

PASTORAL COUNSELLING: A HISTORICAL APPROACH AND ITS RELEVANCE IN THE CURRENT EVANGELICAL FRAMEWORK

Régis Carvalho Bueno¹

RESUMO

O presente artigo visa tratar dos aspectos históricos, conceituais e teológicos acerca do Aconselhamento Pastoral, buscando apresentar as origens da prática do Aconselhamento nos filósofos da Grécia antiga, demonstrar como o Aconselhamento se deu no contexto do povo de Israel no período do Antigo Testamento, bem como o tratamento e a importância teológica de tal tema no Novo Testamento, através do exemplo de Jesus, de sua delegação da missão aos apóstolos e da atuação do Espírito Santo como consolador / conselheiro. Além de trazer um breve relato da evolução na História da Igreja, buscando demonstrar a relevância do Aconselhamento Pastoral no séc. XXI

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Conselheiro. Aconselhamento. Pastor.

ABSTRACT

The present article aims to address the historical, conceptual and theological aspects of Pastoral Counseling, seeking to present the origins of Counseling practice in ancient Greek philosophers, to demonstrate how Counseling took place in the context of the people of Israel in the Old Testament period, as well as the treatment and theological importance of the theme in the New Testament, through the example of Jesus, his delegation of the

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR, Pós-graduado *latu sensu* em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista – FAP, Pós-graduado *latu sensu* em Psicologia e Aconselhamento Pastoral pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Pastor na Igreja Batista Independente de Campo Bom e Professor no Seminário Teológico Batista Independente do Sul – STBISUL. E-mail: mp-2022-regis@fabapar.com.br

mission to the apostles and the action of the Holy Spirit as a comforter / counselor. In addition to bringing a brief account of the evolution in the History of the Church, seeking to demonstrate the relevance of Pastoral Counseling in the 21th century.

Keywords: Pastoral Counseling. Counselor. Counseling. Shepherd. Priest.

INTRODUÇÃO

O termo Aconselhamento Pastoral tem entrado em voga nos últimos anos, dadas as grandes mudanças pelas quais a nossa sociedade tem passado. Embora a prática do Aconselhamento Pastoral sempre tenha sido desempenhada ao longo da história da igreja e suas origens remontem ao Antigo Testamento, tendo ainda recebido uma nova dimensão no Novo Testamento, alguns desconsideraram a sua existência antes da metade do séc. XX.

Já os filósofos gregos apontavam para a necessidade da prática do aconselhamento, e alguns dos grandes pensadores se destacaram por serem conhecidos como “curadores da alma”. No mundo do Antigo Testamento, o patriarca era o grande conselheiro da família, função posteriormente exercida pelos juízes, pelos sacerdotes e reis, e por toda a sorte de sábios leigos que tinham a capacidade de entender os seus pares e os acolherem em seus dilemas.

No Novo Testamento, Jesus se apresenta como um grande Conselheiro, cuidando dos corações das pessoas que o procuravam, missão que posteriormente delegaria a seus discípulos realizarem, através da presença do Espírito Santo, chamado de “outro Consolador”, ou conselheiro. Por fim, durante toda a história da igreja, embora com algumas diferenças peculiares em determinados momentos, o papel de Conselheiro vem sendo exercido por sacerdotes, pastores, líderes, e homens e mulheres comuns ou leigos, interessados em cuidar dos corações aflitos.

A “era da pós-verdade” como vem sendo chamado por alguns o período pós-moderno em que vivemos, tem rejeitado o entendimento dos conceitos de certo e errado, e levado as pessoas a buscar, para os ouvir, apenas quem os tolere sem questionamentos e qualquer juízo de valor, tornando pesada a necessária tarefa de um Conselheiro Bíblico de apontar os erros e pecados do aconselhando diante das Escrituras, o que pode tornar o conselheiro uma mera peça decorativa.

Em uma sociedade marcada pela incessante corrida pelo bem-estar, e que rejeita todo tipo de sofrimento, o Aconselhamento Pastoral corre o risco de tornar-se não mais do que uma terapia de autoajuda induzida, ou mais uma sessão *coach* permeada por clichês evangélicos, em uma suposta neutralidade de “não julgar”, que certamente não produzirá qualquer efeito positivo sobre o aconselhando.

Outrossim, cuide-se que a prática do aconselhamento não deve ser entendida como um tribunal de julgamento ou um confessionário de onde se sairá com uma penitência a pagar, mas apresentar o gabinete de aconselhamento como um lugar de cura da alma.

Nesse sentido, faz-se importante resgatar as origens dos termos e das práticas de aconselhamento para buscar reconhecer o que os antigos filósofos tinham a dizer sobre o tema, bem como procurar conceituar corretamente o que seria ou não uma prática de

Aconselhamento Pastoral e por fim discorrer brevemente sobre as bases teológicas Vêtero e Neo Testamentárias inerentes a esse tema, que podem jogar alguma luz sobre a prática do Aconselhamento Pastoral no contexto do séc. XXI.

1. A ORIGEM HISTÓRICA DO TERMO ACONSELHAMENTO

Desde os primórdios, o ser humano sempre demonstrou a necessidade de relatar suas dificuldades, conquistas, anseios e medos à outra pessoa. Até o grande filósofo Sócrates já se pronunciava sobre essa questão intitulando-se um “parteiro de almas”, uma vez que seu maior anseio era que as pessoas fossem reveladas a si mesmas através de seus próprios relatos e desabafos.

Seguindo este mesmo pensamento temos Antifon de Atenas, um contemporâneo de Sócrates que viveu entre 480 e 421 a.C., o qual se destacou por ter alcançado um conceito muito bem delineado sobre os relacionamentos de ajuda baseados em relatos pessoais dos indivíduos. Antifon era um encorajador de que todos aqueles que o procuravam, os quais tratava como pacientes, relatassem acerca de suas necessidades, dores e medos, e após ouvir os relatos, “retomava o conteúdo e o estilo de sua fala para realizar ‘um novo enquadramento’ dando-lhes uma nova visão da realidade”.²

Ainda, os mesmos autores Jacques & Claire Poujol, em sua obra Manual de Relacionamento de Ajuda, falam sobre Antifon, mencionando que na residência desse grande mestre, em Corinto, próximo a Ágora, havia uma inscrição sobre ele que assim dizia: “tinha o poder de curar com as palavras”.³ Historicamente há de se atentar para fato importante ocorrido entre 1920 e 1930 nos Estados Unidos, quando do surgimento de um movimento de cooperativismo entre médicos e pastores, intitulado “Movimento da Clínica Pastoral”, o qual uniu a formação terapêutica e teológica em prol de um aconselhamento completo, que viesse a tratar todas as áreas do ser humano com eficiência e destreza.⁴

Posteriormente, na Europa, no ano de 1960, ocorreu a adesão da psicologia ao Movimento da Clínica Pastoral, o que segundo, Schneider-Harpprecht “promoveu a recepção de conhecimentos psicológicos e psicoterápicos no aconselhamento”.⁵ Imperioso ressaltar que atualmente esse movimento encontra-se ativo em diversos países, os quais primam por um sistema onde haja a formação clínica e teórica para obreiros da igreja em aconselhamento pastoral o qual “começa a deixar marcas na formação teológica em algumas igrejas evangélicas da América latina”.⁶

Gary Collins menciona em seu livro que muitos outros autores têm demonstrado uma tendência na utilização da psicologia para alcançar um aconselhamento efetivo. Ele ainda menciona que:

² POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Os conflitos**. São Paulo: Vida, 2005, p. 23.

³ POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Manual de relacionamento de ajuda: conselhos práticos para acompanhamento psicológico e espiritual**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 12.

⁴ LÉON, Jorge A. **Introdução à psicologia pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 117.

⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 302

⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 302.

o alvo ulterior e abrangente do aconselhamento é a evangelização e o discipulado, que os indivíduos tenham vida em abundância na terra e a vida eterna prometida aos crentes. Que procura integrar a psicologia moderna e o cristianismo bíblico.⁷

O poder de curar com as palavras é um método utilizado desde as primeiras relações humanas, e antes mesmo de Sócrates e Antífon, temos relatos na Bíblia Sagrada acerca do poder terapêutico das palavras, como podemos verificar em Provérbios 12.18 onde está relatado que “...a língua dos sábios é medicina”.

2. O CONCEITO BÍBLICO DE ACONSELHAMENTO E AS BASES TEOLÓGICAS

A utilização do aconselhamento ocorre já no Antigo Testamento (AT) e frise-se que nesta oportunidade ele era mais voltado na busca do ser humano em resgatar o relacionamento com Deus. Schneider-Harpprecht menciona que “a antropologia do AT não separava mente, alma e corpo, mas entendia o ser humano de maneira integral e relacional”.⁸ Desta forma entende-se que toda e qualquer perturbação relacionada a Deus não afetava somente alguma área isolada, mas todo o ser humano.

O aconselhamento no Antigo Testamento, como verifica-se através do registro constante em Provérbios 4, era função exercida pelos sacerdotes, juízes, anciãos e profetas, mas primariamente era realizado por homens considerados sábios, que eram responsáveis por transmitir conselhos dotados de sabedoria para seus filhos. Em contrapartida, no Novo Testamento (NT), Schneider Harpprecht recorda que “se segue uma prática que integra cura espiritual e física, aconselhamento, culto, interpretação das leis divinas e da sabedoria popular”.⁹

O próprio Jesus se apresenta a todos como aquele que veio para reconciliar Deus e o homem, através de virtudes como o perdão e o amor, de tal forma que o ser humano passou a viver baseado nesse amor e perdão de Deus por intermédio de Jesus Cristo. Essas bases apresentadas por Jesus, quais sejam o amor e o perdão são o que norteiam até hoje o aconselhamento cristão.

Schneider-Harpprecht menciona que:

a palavra *paraclesis* (admoestação, consolação) tornou-se o conceito chave para o aconselhamento no NT e seu fundamento é a misericórdia de Deus que justifica o pecador (Rm 12.1). A *paraclesis* desafia os crentes a realizar uma identificação com Jesus Cristo que os fortalece, lhes dá paciência e esperança (2Co 1.6s).¹⁰

Ainda, o mesmo autor segue afirmando que a *paraclesis* serve para a edificação do corpo de Cristo, sendo um termo usado pelo Apóstolo Paulo para apresentar “a oferta de salvação

⁷ COLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 304.

⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 294.

⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT 1990, p. 295.

através da relação com Cristo que a pregação do evangelho leva até as pessoas”.¹¹ Entende-se, portanto, que na Nova Aliança, todos os cristãos estão habilitados e devem estar engajados no aconselhamento, visto que “são os agentes do aconselhamento, e a cura depende da qualidade espiritual da pessoa”.¹²

Ainda, segundo Schneider-Harpprecht, o Pietismo foi quem desenvolveu a forma de aconselhamento onde pela primeira vez, surgiu a conversação livre, a pessoa podia falar de seus problemas independente da situação de penitência, e ainda menciona que o período do pietismo era “caracterizado pela fé pessoal, nas experiências de conversão e na santificação”¹³, de forma que as questões sociais, familiares ou físicas não eram consideradas de forma tão acurada como seriam a partir do racionalismo.

Foi nesse período que a capelania hospitalar surgiu como uma forma de acompanhamento dos doentes, em que os ministros iam até os necessitados com vistas à salvação das almas, ainda sem alguma preocupação maior com a situação do corpo e de saúde, e nem mesmo com as questões sociais. Foi só com a ascensão do racionalismo que:

o aconselhamento rompeu essa tradição, entendendo a conversação pastoral como diálogo entre amigos em que o pastor tinha a tarefa de animar pessoas, procurar melhorá-las moralmente, consolá-las e fornecer ajuda concreta através de conhecimentos de medicina e psicologia.¹⁴

Em um sentido amplo pode-se dizer que todos os temas da teologia estão inseridos no aconselhamento, como por exemplo: Deus, Cristo, a humanidade, o pecado, a cristologia, a soteriologia, a santificação e a escatologia. Um Aconselhamento Pastoral certamente considerará as respostas que a Bíblia dá para as mais diversas circunstâncias.

No livro *Aconselhamento Cristão Transformador*, Antônio Carlos Barro traz o conceito de que existem certos temas que sempre estarão presentes na tarefa do aconselhamento, sendo eles a nossa ideia de Deus, a dignidade da pessoa humana e a salvação como plenitude humana.¹⁵ Desta forma deve-se levar em conta o conceito e entendimento a respeito de Deus que o aconselhando possui, como um fator de acentuada influência no deslinde do aconselhamento:

Pensemos nas ideias que as pessoas em nossa cultura latino-americana têm em comum a respeito de Deus. Uma dessas imagens, abundantes na narrativa latino-americana, é a de um Deus cruel e algoz. (...) Não obstante o diálogo reflete o que muitas pessoas pensam sobre Deus: implacável e cruel, que tem prazer em penitenciar os seres humanos.¹⁶

Ainda, Barro considera que há outra imagem igualmente equivocada a respeito de Deus, qual seja:

¹¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 295.

¹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 301.

¹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 301.

¹⁵ BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006, p. 17.

¹⁶ BARRO, 2006, p. 19.

a de uma espécie de Papai Noel, um velhinho bondoso que está disposto a atender nossos pedidos mais estranhos e extravagantes. É o polo oposto da imagem anterior. Neste caso trata-se de um Deus que está a serviço dos seres humanos para ser manipulado segundo os seus caprichos.¹⁷

Exatamente neste ponto salta aos olhos a questão acerca da correta imagem de Deus: o conceito de Deus deve ser baseado nas Escrituras, que o retratam como um Deus justo, fiel e amoroso, sem exaltar a justiça em detrimento do amor, e sem que o amor impeça a aceitação da justiça divina.

Outro ponto determinante a ser considerado é a dignidade da pessoa humana, sendo este um conteúdo teológico fundamental para o aconselhamento. Para tal é útil e proveitosa a base bíblica encontrada em Gênesis 1.27, onde está relatado que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus e por essa razão não cabe ao conselheiro ter determinadas atitudes com o aconselhando que o denigrem ou o condicione a uma posição subalterna ou inferiorizada, consoante a afirmação de Barro:

O fato do ser humano ser pecador não deve conduzir o conselheiro a menosprezar quem vier consultá-lo. Por mais corrompida que a pessoa possa ser, nunca perde a imagem de Deus e merece nosso respeito. Nesse sentido, é importante levar em conta a atitude de reconhecimento do outro que quer dizer, a alteridade.¹⁸

Assim, torna-se imperioso frisar que o aconselhando merece o respeito do conselheiro porque também foi criado à imagem e à semelhança de Deus e, ainda, é mister considerar a salvação como plenitude humana, a qual assim como os demais conceitos deve ter uma base teológica sólida e firmada nas escrituras. Desta forma, acerca da salvação, a Escritura afirma que a salvação se dá tanto no sentido transcendente, isto é, o homem é salvo da morte eterna, como no sentido histórico, qual seja, o desfrutar imediato dos benefícios da salvação.

3. A PERTINÊNCIA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO FERRAMENTA NO CONTEXTO EVANGÉLICO ATUAL

Decorridos os séculos desde os antigos filósofos da Grécia antiga, e até mesmo dos patriarcas bíblicos, o relacionamento de ajuda através das palavras, baseado no relato de uma pessoa e na escuta de outra que, após analisar tais fatos irá intervir com sua opinião e conselhos, continua sendo utilizado como um método cada vez mais eficiente e necessário.

Há de se convir que tal técnica demonstrou grande avanço nos últimos anos, influenciada por diversos estudos e avanços da própria ciência, que permitiu um aprofundamento do conhecimento acerca da psiquê humana. Neste ínterim, acerca dos relacionamentos de ajuda, percebe-se um de grande destaque, o qual tem conquistado seu espaço e credibilidade ao longo dos tempos, qual seja o aconselhamento pastoral.

O Aconselhamento Pastoral está enquadrado como um relacionamento de ajuda, e é apenas uma das muitas atividades ministeriais atinentes às funções da igreja, o qual define-se

¹⁷ BARRO, 2006, p. 19.

¹⁸ BARRO, 2006, p. 23.

como uma fase de relacionamento que se dá de maneira única, através da comunicação interpessoal entre o pastor e um membro de seu rebanho.¹⁹

A expressão em português Aconselhamento Pastoral tem origem no termo inglês *pastoral counseling*, e denota a ideia de que tal função seria uma atividade exclusiva e atinente ao pastorado.

Schneider-Harpprecht, ao discorrer sobre o tema Aconselhamento Pastoral, afirma que seria possível, e até desejável, juntar ao termo *pastoral counseling* a palavra grega *Poimênica*, de forma que esta junção de palavras poderia ser definida como “o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja”.²⁰

Assim, poder-se-á dizer que o aconselhamento pastoral é “uma dimensão da *Poimênica* que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas”.²¹ Já Paul Johnson define o aconselhamento pastoral como “uma relação responsiva emergindo da necessidade expressa de vencer trabalhosamente as dificuldades por meio da compreensão emocional e crescente responsabilidade”.²²

Roseli M. Kühnrich de Oliveira, em sua obra *Cuidando de quem cuida*, trará ainda uma nomenclatura diversa de conselheiro pastoral, chamando-o de cuidador pastoral, conceituando-o da seguinte forma:

Entende-se como cuidadores pastorais aquelas pessoas que exercem seus ministérios em igrejas, comunidades, paróquias, células, grupos caseiros, escolas, seminários e outras situações nas quais esta atuação é reconhecida como tal.²³

Desta forma admitir-se-á que diversas nomenclaturas poderão ser utilizadas, como por exemplo pastor, cuidador, ministro e conselheiro, sendo que ao longo desse trabalho todas essas palavras serão consideradas como sinônimos no tocante à função do conselheiro.

O Aconselhamento Pastoral atenta para as necessidades pessoais do indivíduo, em qualquer área de sua vida, seja espiritual, emocional, financeira, corporal, dentre tantas outras. Para James Mannoia o aconselhamento pastoral eficaz está baseado no senso de responsabilidade entre duas pessoas em relacionamento, razão pela qual tanto o conselheiro quanto o aconselhando teriam responsabilidades a serem assumidas.²⁴

Neste ínterim, a responsabilidade por parte do pastor, ora conselheiro, seria a de reconhecer sua obrigação para com aquele que está lhe solicitando ajuda, devendo ser honesto consigo mesmo e com o aconselhando. Mannoia menciona que “Embora não possa deixar de executar a sua tarefa ministerial, por outro lado, não deve explorá-la como

¹⁹ LÉON, 1996, p. 22.

²⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 289

²¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 289

²² JOHNSON, Paul. **Psychology of pastoral care**. Tradução de Emilia Rezende Abreu. New York: Abingdon, 1953, p. 73.

²³ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012, p. 25.

²⁴ MANNOIA, V. James. **Aconselhamento pastoral**. São Paulo: Redijo, 1981, p. 17.

desobrigação do seu senso de responsabilidade pessoal”²⁵, deixando claro que o pastor tem tanto a responsabilidade de trabalho com o coletivo da congregação, em relação à pregação e administração, quanto a tem nas questões individuais de aconselhamento.

Em contrapartida, da parte do que busca o conselho, ou seja, do aconselhando, deve haver o senso de responsabilidade pela tomada da iniciativa e pelas consequências da busca do conselho. O aconselhando deve estar ciente de que depende de si mesmo a iniciativa de mudança ou correção de rumos. Sobre o aconselhando James Mannoia também se manifesta dizendo que “na interação do aconselhamento ele deve estar aberto para o seu verdadeiro ego e pronto a assumir a sua carga na terapia pessoal”.²⁶

Para Schneider-Harpprecht o aconselhamento acontece quando as pessoas convivem, participam e comunicam-se sobre as dificuldades no grupo familiar, no trabalho, na igreja, ou seja, nas diferentes relações sociais. A sua base social é a convivência no contexto da igreja e é uma dimensão da *Koinonia*, ou comunhão.²⁷

Para o mencionado autor, o objetivo do aconselhamento pastoral é: “descobrir com as pessoas em diferentes situações da sua vida e especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores cujo direito de viver e cuja autoaceitação vêm da graça de Deus”.²⁸ Faz parte também dos objetivos do aconselhamento ajudar as pessoas a viverem de maneira consciente e adulta a sua relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo.

Schneider-Harpprecht ainda lembra que “o aconselhamento pastoral lida com processos de mudança de identidade, de posturas, pensamentos, sentimentos, relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas”.²⁹

Assim, pode-se dizer que aconselhar não consiste em uma tarefa fácil, onde apenas dá-se conselhos ou provê-se respostas à algumas perguntas. Não se deve confundir o aconselhamento com ditar regras sobre uma denominação ou entidade, ou ainda, com discorrer sobre pontos de vista teológicos, pois o aconselhamento pastoral é muito mais do que isso. Nenhuma destas formas sequer chega perto do que é atuar como um conselheiro, eis que este deve buscar o íntimo do ser do aconselhando, alcançando aquele lugar onde realmente a vida do indivíduo é desenvolvida e formada.

Para James Mannoia o aconselhamento pastoral “está aquém da comunicação empática e não opinativa que suscita um crescimento espontâneo no íntimo do indivíduo”.³⁰ E ainda, como menciona Edgar Jackson, “o aconselhamento pastoral é uma pesquisa do significado último da vida na própria natureza do indivíduo e na mais profunda natureza dos outros”.³¹

Para que reste clara a definição do assunto aqui tratado, adota-se o conceito de Seward Hiltner acerca do aconselhamento em geral, o qual assim preceitua:

²⁵ MANNOIA, 1981, p. 18.

²⁶ MANNOIA, 1981, p. 18.

²⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 292

²⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 293.

²⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1990, p. 293.

³⁰ MANNOIA, 1981, p. 18.

³¹ JACKSON, Edgar N. **The pastor and his**. New York: Channel Press, 1963, p. 142.

O aconselhamento não é um processo mecânico, mas um relacionamento interpessoal em que duas pessoas se engajam no processo de esclarecer os sentimentos e problemas de alguém, e concordam em que isto é exatamente o que estão pretendendo fazer.³²

Ainda, o mesmo autor define o conceito de aconselhamento, especificamente no que tange ao âmbito pastoral, diferenciando-o do aconselhamento em geral: “Em termos de atitude básica, aproximação e método o aconselhamento pastoral não difere do aconselhamento eficaz realizado por qualquer tipo de aconselhador”.³³

A diferença então se dará em “termo da situação em que o aconselhamento é realizado”.³⁴ No aconselhamento pastoral, o pastor dispõe de “recursos religiosos de que se pode lançar mão” além de possuir uma “dimensão na qual o pastor precisa ver todo o crescimento humano e todos os problemas do homem”.³⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, o aconselhamento como uma prática e sua necessidade são parte da realidade humana desde a antiguidade até o presente, dadas as circunstâncias da vida no contexto terreno e, embora por muito tempo não houvesse uma disciplina em torno do tema, a realização do mesmo se deu, em muitos casos, de forma empírica e não-intencional.

Visto que, desde os filósofos gregos, aos escritores do Antigo Testamento, encontram-se inúmeros relatos e indicações de tais práticas, o aconselhamento não pode ser considerado como algo inerente somente à atual cultura. Do contrário, ao perceber a evolução de tal tema no decorrer dos séculos e nas diferentes culturas e sociedades, a compreensão de como as comunidades e civilizações antigas trataram o tema certamente contribuirão para que os atuais conselheiros se tornem mais aptos e capacitados para os desafios de aconselhamento no século XXI.

Tomando como base o conceito de que o aconselhamento nada mais é do que uma relação consciente e intencional entre dois indivíduos, os quais buscarão o entendimento e as soluções para o sofrimento do aconselhado, e sendo essa uma relação pautada no mútuo respeito e entendimento não só das limitações, mas também das virtudes e valores inerentes a cada ser humano criado à imagem de Deus, é imperioso lembrar que, embora o aconselhamento pastoral não difira, em muitos aspectos, de qualquer outro tipo de aconselhamento, é o respeito aos papéis de ambos os agentes, bem como a manutenção da Escritura e seus preceitos como base de todo o processo que tornarão o aconselhamento pastoral uma tarefa singular com contribuições singulares ao aconselhando.

Manter a consciência do papel fundamental do Conselheiro como um ajudador, certamente ajudará o ministro a estar disposto a buscar, a partir dos fundamentos bíblicos, orientações e conselhos sábios, que levem em conta todos os grandes temas cristãos como

³² HILTNER, Seward. **The Counselor in Counseling**. New York: Abingdon, 1952, p. 11.

³³ HILTNER, 1952, p. 12.

³⁴ HILTNER, 1952, p. 12.

³⁵ HILTNER, 1952, p. 12.

Deus, o homem e seu estado caído, a redenção em Cristo e a esperança escatológica, e aplicá-los ao contexto do aconselhando, proporcionando, assim, não um conjunto de respostas prontas, mas uma orientação sincera, ética e bem amparada para que o aconselhando tenha liberdade em tomar suas próprias decisões e se sinta, ao mesmo tempo seguro em relação a seu conselheiro e responsável em relação à sua própria vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. 2.ed. São Paulo: SBB, 2009.

BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

COLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

HILTNER, Seward. **The Counselor in Counseling**. New York: Abingdon, 1952.

JACKSON, Edgar N. **The pastor and his**. New York: Channel Press, 1963.

JOHSON, Paul. **Psychology of pastoral care**. Tradução de Emilia Rezende Abreu. New York: Abingdon, 1953.

LÉON, Jorge A. **Introdução à psicologia pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

MANNOIA, V. James. **Aconselhamento pastoral**. São Paulo: Redijo, 1981.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**. Joinville: Grafar, 2012.

POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Manual de relacionamento de ajuda**: conselhos práticos para acompanhamento psicológico e espiritual. São Paulo: Vida Nova, 2006.

POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Os conflitos**. São Paulo: Vida, 2005.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1990.